



O Gaíto



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 6 de Fevereiro de 1982 * Ano XXXVIII — N.º 989 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

Vejo passar Natais e Páscoas. Sinto o rebuliço das multidões nas ruas e nas lojas em demanda de prendas, de bolos, de enfeites circunstanciais. Para uns são ocasião propícia de férias ou encontro familiar. Para outros, os crentes, a passagem de Cristo em alegria e triunfo. Por mim, no entanto, fico sempre com o coração oprimido. É que Cristo continua a ser Aquele que permanece no estábulo e na cruz, sem que tenha ainda saído de lá.

Na Foz do Douro, em cave sombria — onde o pavimento, que se pode descobrir no meio de todo um amontoado de trapos, caixas e lixo, aparece enegrecido pela sujidade — jaz solitária uma paralítica na casa dos oitenta anos. O pároco local informa-me que sua paróquia tem todas as moda-

lidades assistenciais para acolher e acarinhar os mais carecidos, desde crianças a adultos. Mas esta pobre criatura põe-lhe em causa todo o sistema assistencial. Não tem onde a receber. A filha única da doente há décadas que abandonou a mãe. As vicentinas têm sido a presença regular exclusiva. Mas retirá-la deste antro e recolhê-la em local mais saudável e conforme, onde tenha presença permanente, é imposição à mais rebelde sensibilidade. Cristo ainda não saiu do estábulo. E suplica mão amiga para O acolher.

Em Montalegre, pai idoso, sofrendo há anos de carcinoma inoperável, aguarda pacientemente o findar de seus dias. Mas além do espinho na carne tem outro na vida: um filho de

quarenta anos, anormal, com coeficiente intelectual a rondar o zero; peso demasiado para quem tem os braços já muito débeis e a vida encurtada com horizonte nublado. Vivem sós os dois, ali, onde a civilização e os seus avanços teimam em não chegar. Desce a serra e vem por aí fora, este pobre homem pedir uma ajuda: que recolhamos o filho para ele morrer descansado. Quantas vezes hoje não se anseia o inverso em muitos lares: que morra o filho doente para os pais viverem tranquilos e libertos de pesos mortos! Cristo continua na cruz, agonizante e não se lamenta. Espera que os homens O descubram e d'Ele se abeirem.

Em Lisboa, capital deste jardim, ao Campo de Ourique, rapariga hidrocefala e paralítica desde o nascer, há cinquenta anos, entregue aos cuidados da mãe, também inválida hoje e viúva. É notícia que aqui vem dar para que a visite e dê a mão. A mãe, neste meio século, sempre escondeu a filha. No prédio onde moram é desconhecida a enferma. Mas chegou a hora da revelação, de todo o sacrifício de uma vida, dum problema urgente para resolver. Cristo esteve tantos anos no estábulo, que este torna-se mesmo cruz e martírio.

Vejo passar Natais e Páscoas e fico sempre a contemplar o estábulo e a cruz. As prendas de ocasião aos amigos

Cont. na 4.ª página

CANTINHO DOS RAPAZES

Já abordei ao de leve este derradeiro capítulo da Encíclica «Laborem Exercens» a primeira vez que escrevi sobre ela. Hoje, ao pôr, eu também, ponto final sobre este tema (aliás, bem longe de esgotado) quero meditar convosco os «elementos para a espiritualidade do trabalho» que o Santo Padre nos propõe, até porque por eles nos vamos encontrar com um pensamento fundamental de Pai Américo a respeito da divina missão de «fazer de cada Rapaz um Homem».

Todo o trabalho, quer manual, quer intelectual, é um acto de pessoa em que o homem todo participa, com o seu corpo e o seu espírito — exactamente o Homem que é o objecto da Redenção. Por isso o trabalho é um valor moral «susceptível de ajudar todos os homens a aproximarem-se, através dele, de Deus, Criador e Redentor; e a participarem nos Seus desígnios salvíficos quanto ao Homem e quanto ao mundo; e a aprofundarem na sua vida a amizade com Cristo».

Vede agora como Pai Américo, ao pensar em vós, diz

da função do trabalho na Obra de construir o Homem: «A vida de trabalho deve seguir a par. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e sã. Cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brilo; a iniciativa; a personalidade — tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem».

Estamos, pois, no nosso campo específico. E que bom metermos fundo o arado da nossa reflexão, sabendo que o nosso campo não é senão uma leirazinha da Igreja Universal!

1.º) Deus é Criador e a Bíblia no-LO apresenta trabalhando ao longo de seis dias, para repousar no sétimo. E no termo de cada dia da Criação, lemos esta palavra de regozijo: «E viu Deus que era bom!»

Mas a Obra de Deus no mundo continua sempre: «susten-

Cont. na 3.ª página



Olhos fixos na objectiva, os «Batafinhas» da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, saúdam os nossos leitores.

Aqui, Lisboa!

● Chefe de família de mais de cento e vinte pessoas, vivendo em pleno o problema, às vezes tão distintos, de cada um dos seus membros, marcados por carências ou traumas dos mais variados tipos, nada do que se passa à nossa volta nos pode ser indiferente, porque condicionante do seu futuro, isto é, da sua felicidade ou infelicidade. Mas, mais do que chefe da família concreta que se abriga debaixo das telhas desta Casa do Gaíto, somos, por decisão livre e ainda que limitados, um dos apaixonados pelos homens, na esteira de Pai Américo, sentindo como na própria carne os anseios e os sofrimentos dos

mais pobres e desprotegidos, que o doce Rabi de Nazaré «encandeou» com o seu olhar.

Queremos um mundo mais harmonioso e fraterno, onde impere verdadeira justiça e onde tenham lugar, sem atropelos nem discriminações, todos e cada um dos homens livres e, portanto, conscientes da sua própria dignidade, dos seus direitos e, claro, dos seus deveres. É nesta linha que pretendemos educar os Rapazes, apontando-lhes princípios para que possam encontrar, como Pai Américo disse, a sua própria consciência e se tornarem autónomos, indivíduos dotados de personalidade, e seres sociais, porque solidários

de todos os outros homens

Ora, é nas nossas Casas, norma de ouro, o trabalho de cada um dos seus membros. Cada um, segundo as suas possibilidades, deve contribuir para o todo. «Cada Rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela», escreveu Pai Américo. Trata-se, obviamente, de dimensão nova no campo educacional, libertadora e não esclavagista, como nestas colunas já foi referido a propósito da Carta Encíclica «O Trabalho Humano», de João Paulo II. «É a nossa divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. O tra-

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Janeiro, mês da poda, assim é, também, cá em nossa Casa; os mais velhos com o João e o Martins lá têm andado durante estes últimos dias.

É preciso podar as videiras (assim como as árvores), a fim de que «a vara seca» seja lançada ao fogo e não venha perturbar o desenvolvimento dos novos rebentos, os quais mais tarde darão origem a saborosas uvas que são sempre guloseima de muitos dos nossos; e o vinho sempre tão bem apreciado pelos nossos Amigos que vêm até nós. Que bom! Que bom poderemos saborear o fruto do nosso trabalho e canseiras!

A azeitona já foi toda apanhada no período das férias do Natal (quando a nossa comunidade se encontrava reunida em Miranda); e, apesar de ter sido um pouco escassa, deu um fino azeite. A chuva caiu em abundância, mas não impediu que o dito trabalho, um tanto delicado, fosse concluído com o considerável saldo positivo de mil e duzentos litros de azeite e os potes com a sua barriga cheia de azeitona retalhada.

TRABALHO — A nossa vida continua conhecendo aquela harmonia mínima que se pode conseguir numa Casa destas: Os «Batatinhas», depois da Escola, ocupam-se na limpeza das ruas (para que desde pequenos se habituem ao trabalho); outros têm o seu lugar nas oficinas; e outros na agricultura, gado, limpeza da casa etc...

«Quem não trabaça não manduca.»

NOVOS CASAIS — A união à nossa vida daquelas que vão casando é o grande sinal de que somos uma família, como Pai Américo sempre



Rosa Maria e Manuel António

procurou que fosse. Com o casamento do Manuel António e do Luís, que foram chefes-maiores, nós ficámos



Conceição e Luís

ainda uma família maior com suas esposas.

Eles ficaram a viver perto de nossa Casa e aparecem muitas vezes.

Ambos trabalham na Louçã. O Manuel António continuou a dar catequese e a animar com a viola a Eucaristia e as festas, agora acompanhado da Rosa. A São, mulher do Luís, ficou a ajudar a cuidar da nossa roupa e passa a vida em nossa Casa.

É muito bom que os nossos casados e suas mulheres não esqueçam que têm grande obrigação de ajudar a criar estes irmãos mais novos, pois na vida da sociedade os irmãos esquecem-se, muitas vezes, uns dos outros — e esquecem as suas obrigações de irmãos.

Carlitos e Joãozinho

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Somos um País carenciado nos domínios da Informação, que penetra dificilmente, ainda, nos meios rurais. Por isso, topamos grandes inválidos, reformados, que desconhecem o suplemento de pensão, prescrito na lei!

Nestes casos, apressamo-nos a preencher o simples documento oficial, que remetemos aos serviços competentes para análise e deferimento.

Todavia, por mor dos grandes inválidos — que o são em tudo... — poderíamos simplificar mais eficazmente o percurso burocrático para imediata concessão do benefício: o médico assistente (dos S. M. S.) preencheria as duas ou três linhas do respectivo modelo (identificação do beneficiário, diagnóstico...) e o posto clínico enviaria o impresso, oficialmente, à C. N. P. O assunto ficaria arrumado, de todos os pontos de vista...

Desta forma, todos os marginalizados pela Miséria, particularmente os Pobres do meio rural, jamais seriam preteridos — por omissão de que não têm culpa (analfabetismo, etc.). E sem grande trabalho para os médicos, que serviriam uma autêntica Justiça Social.

● A filha abordou-nos, muito afiada: — Os meus pais precisam da vossa ajuda...

— Então que há!?

— A casa onde moram, como sabe, tinha um telhado de lousa; assim à moda dumas cortes... O temporal arrumou as lousas p'ra longe. E ficaram sem tecto!

— ...

— Já fizemos obras. Gastámos 20 contos na telha...

São dois pensionistas que recebem, ao todo, 5.700\$00 por mês.

— Só pedimos ajuda p'ra telha... O resto é connosco. São nossos pais... E vamos dar a mão.

● Separado da esposa, a miséria leva-o a morar na toca de um monte! Quando soubemos, entregámo-lhe parte de uma casa do Património dos Pobres.

Era um homem com características muito peculiares; nómada por temperamento. Mas, após outras tentativas de promoção social, conseguimos, finalmente, ao menos, acomodá-lo na moradia. E, como era só (uma filha botá-lhe depois a mão, também), servimos, diariamente, ao pobre homem, duas refeições principais num estabelecimento, cuja despesa foi suportada, seguidamente, pela sua pensão de reforma.

Terminou agora o seu calvário. Seguiu para a Eternidade. Fomos dizer-lhe adeus. Estava a filha, alguns vizinhos e um amigo que, todos os dias, oferecia o pequeno-almoço.

Funeral simples que nos sensibilizou, espiritualmente. Naquele Lugar sagrado invocámos outros — que passaram por nossas mãos pecadoras — dos quais fomos humildes servos.

É mais um Amigo que temos no Céu!

CONTAS — São contas! Temos obrigação moral de as prestar com a máxima oportunidade: primeiro, à Sociedade de S. Vicente de Paulo, da qual somos uma molécula; depois, aos nossos estimados leitores — única fonte de receita para a acção que realizamos junto dos Pobres.

Durante o ano de 1981 recebemos 741.770\$00 por intermédio de O GAIATO e 2.921\$10 de outras proveniências.

A despesa foi na proporção da receita. Partilhámos 314.131\$40 no sector da Habitação: em nova mora-

dia, para uma família abandonada pelo pai, já investimos 168.063\$40; por 13 Auto-construtores, 121.568\$00; rendas de casas, 24.500\$00. Distribuímos 283.900\$00 em auxílios domiciliários. Para imediata solução de problemas, acudimos a dois activos núcleos de recoeiros dos Pobres com 41.000\$00. Consoante o que está fixado, entregámos 31.012\$50 à Sociedade de S. Vicente de Paulo. Liquidámos 6.559\$00 de receituário médico. E aplicámos 500\$00 noutras despesas.

Damos graças a Deus por tudo quanto foi possível fazer; e lamentamos não ter feito mais. No entanto, procuramos ser presença de Igreja junto dos Pobres, aos quais fornecemos o mínimo indispensável à subsistência de cada um, já que as pensões de reforma são miseráveis. E não descuramos que todos beneficiem dos seus direitos e regalias no Seguro Social. Muitas horas gastas, em papelada, no decorrer do ano! Procuramos, ainda, dedicar o máximo à problemática da Habitação, em todos os aspectos, como ténue voz dos Sem-Voz bloqueados por inadequada legislação para as gravíssimas carências habitacionais no meio rural, que se repercutem, em cheio, nas zonas suburbanas. Há exigências e optimizações de planeamento urbanístico — e não só — que se os legisladores sofressem na carne, e na alma, a tortura de que são vítimas muitos Auto-construtores deixariam de ser tão picuinhas e desmotivadores do fomento da Habitação. As leis não podem ser feitas para uma sociedade ideal, utópica! Mas enquanto não se descer ao rés-do-chão, ao País real, continuará a crescer o número dos sem-casa... Ficamos por aqui!

PARTILHA — Assinante 24900 louvando a Deus «por tudo o que o «Famoso» espalha em nossos corações», remanescente de cheque para a assinatura de O GAIATO. Mais 500\$00 da Calçada do Carrascal, Lisboa, «por alma dos meus queridos que guardo no coração». Assinante 28503, já combatida por «idade avançada», manda 500\$00 «duma senhora amiga para serem aplicados a um doente canceroso» e 250\$00 da sua bolsa — pedindo «perdão da migalhinha». Rua Rodrigues Cabrilho, da capital, 1.000\$00 que me saíram numa cautela e tenho muito gosto de dar à Conferência». Rua Luís Woodhouse, Porto, 1.000\$00. Assinante 6790, 100\$00. Cinco vezes mais da Rua Sá da Bandeira, Gaia. O casal-assinante 17022 segue muito certinho — e muito amigo dos Pobres. Assinante 22311, além de 100\$00 uma remessa amorosa porque, disse, «em minha casa, onde há só o suficiente, eu julgo essas coisas demais». Assinante 31106, de Lisboa, cinco notas para um caso de Auto-construção referido em O GAIATO n.º 986. Foram entregues. Para a moradia da mulher separada do marido não chegou nada. Mas há leitores de Chaves e Porto que não esquecem o problema da nossa Amiga ribatejana, a quem faremos o possível — repetimos — para lhe enviar cinco contos todos os meses.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

TÓ — Qual o homem que, ao nascer, não tem o seu caminho marcado pela mão de Deus? Para uns, esse caminho apresenta-se com tal naturalidade que toda a gente está habituada e a perda de um ente querido é menos dolorosa; para outros, ele apresenta-se cruel. É uma questão de Fé.

O nosso Tó, depois de uma pequena passagem por este mundo — apenas 11 anos — foi chamado por Deus. Tomou no seu posto, quando ultrapassava a Via Norte (Porto) — distribuindo o nosso querido jornal O GAIATO em algumas empresas daquela zona.

Partiu para o Céu com O GAIATO na mão — ao encontro dos nossos Leitores!

Apesar da imensa mágoa que o facto nos deixou, fica, po-



rém, a consolação de ter ido ao encontro do Pai-Todo-Poderoso — onde está o nosso Pai Américo; e, conseqüentemente, para uma Vida melhor.

ELEIÇÕES — Acto sério e responsável, as eleições em nossas Casas são para, de uma maneira livre e democrática, elegermos aquele ou aqueles que, durante um ano, terão o encargo de zelar pela Comunidade. Nem sempre é fácil escolher os que têm melhores qualidades para esta dura missão, tantas vezes ingrata, na medida em que particularmente o chefe-maioral tem que chamar a atenção de todos e nem sempre é compreendido!

Assim, no sábado, dia 16 de Janeiro, pelas 11 horas da manhã, a Comunidade reuniu no salão de festas para escolha dos mais qualificados para servirem os seus irmãos.

É norma que o eleito some, no primeiro escrutínio, 50% mais um voto; caso não aconteça haverá novo escrutínio e vencerá o que obtiver maior votação.



Novos Assinantes de «O GAIATO»

A recepção de novos assinantes tem sido uma torrente constante! Graças a Deus.

Na frente da procissão caminham 120 de Tavira e 156 de Olhão — motivados pelo nosso Padre Carlos, nas igrejas locais. O Algarve era uma região com poucos leitores de O GAIATO. E a semente lançada, agora, com certeza dará fruto. É preciso semear...

A propósito: Insistiram com o nosso Padre Carlos pelo valor da assinatura do jornal. De muitos lados e muitas bandas acontece o mesmo, todos os dias. Aí vai: para já 150\$00 por ano. E dizemos para já, na medida em que, infelizmente, vivemos em permanente inflação!

Por nossas mãos passam várias listas de gente corajosa, que se atira para a frente, levando O GAIATO à sua roda de amigos e familiares — com muita devoção. Um trabalho ou acção que exige disponibilidade, mas, também, um grande fogo interior!

Montes (Tomar):

«(...) Aí vão alguns jovens que desejam começar a receber O GAIATO...»

Tem crescido, extraordinariamente, a percentagem de jovens leitores!

Bom Sucesso (Aveiro):

«Aqui estou, de novo, para

vos mandar o endereço de mais novos assinantes. Este ano tenho batido o record! Eu ainda não contei, mas creio que foram mais de vinte. Até hei-de contar...»

Fiães:

«É com muita alegria que venho comunicar que consegui algumas assinaturas para O GAIATO. O jornal não era desconhecido, quase todos o compravam em Espinho — mas é melhor recebê-lo em casa...»

Na verdade, nem toda a gente — pelo País fora — tem possibilidades de encontrar os nossos pequenos distribuidores de O GAIATO. Neste caso, a opção é fácil — assinatura do jornal.

Porto:

«Segue um vale de correio para a assinatura. Queria que me mandassem o jornal no princípio do ano. Para já, vou procurando comprar todas as quinzenas; mas, como mudei de casa e aonde vou à Missa é uma capela, não encontro O GAIATO à venda...»

Mais outra, também da capital do Norte:

«Como nem sempre encontro O GAIATO, pois onde eu moro fica muito longe da «balxa», peço para ficar assinante — o que muito gostava.

Junto 200\$00. É para o próximo ano. Se for mais, façam o favor de me avisar...»

Topamos mais legendas que

nos saltam aos olhos — no meio da procissão. Esta, do Funchal:

«Não quero roubar-vos muito tempo e, por isso, digo já ao que venho: consigui uma nova assinante para o «Famoso»! É a minha vizinha. Não demorem a enviar O GAIATO. Está bem?»

Oxalá consiga outras assinaturas para o vosso querido jornal...

Até breve, se Deus quiser.» Covilhã:

«Envio um cheque para a minha assinatura e encomendo outra para uma amiga que sempre vos vai ver à Covilhã e leva muitos rebuçados...»

Com a boca doce pelo Fogo dos caminheiros, abrimos, agora, o mapa de Portugal, assinalando terras de onde recebemos novos assinantes. De algumas, verdade seja, grande quantidade deles: Monte Gordo, Coimbra, Fajão (Cabril), Póvoa de Varzim, Aguiar do Douro, Ermesinde, Gondomar, Gafanha da Nazaré, Santa Cruz do Bispo (Matosinhos), Urgeles (Guimarães), Queluz, Cova da Piedade, Fátima, Sertã, Calendário (V. N. Famalicão), Rio de Mouro, V. N. Gaia, V. N. Ourém, Grijó, Paço de

Sousa, Bitarães (Paredes), Capelas (Açores), Aradas (Aveiro), Albergaria-a-Velha, Viseu, Rio Tinto, Marco de Canaveses, Barroselas, Santo Tirso, Mafamude (V. N. Gaia), S. Mamede de Infesta, Funchal, Montijo, Eixo, Vilar Formoso, Fiães, Espinho, Linda-a-Velha, Braga, Vila das Aves, V. N. Famalicão, Tomar, Miranda do Corvo, Valongo, Leça da Palmeira, Oeiras, Santo António dos Cavaleiros, Arcozelo (Carvalhos), Barroselas, Tabuaço, Valbom (Gondomar), Real (Amarante) Castelões (Penafiel), Santa Marinha (Seia), Vila Real, Barcelos, Macinhata do Vouga, Moncorvo, Paços de Ferreira, Mação, Castanheira de Pera, Proença-a-Nova, Leça do Bailio, Sertã, Cantanhede, Gemunde (Maia), Bazar, S. Martinho de Recezinhos, Vendas Novas, Carregado, Bragança, Lousada, Vale de Cambra, Cardigos, Maia, Setúbal, Bucelas, Monchique, Lameiras (Pinhel), Tondela, Mafra, Damaia, Parede, Mem Martins, Odivelas, Barquinha, Monte da Caparica; Porto e Lisboa uma data de gente.

Júlio Mendes

CANTINHO DOS RAPAZES

Cont. da 1.ª página

tando na existência o mundo que chamou do nada ao ser; e também com a Sua força salvífica nos corações dos homens que, desde o princípio, destinou para o repouso em união consigo, eternamente.

O Homem, criado à imagem de Deus, não é um ser passivo, mas participante na Obra do Criador. Toda ela lhe foi destinada. Por isso, «na medida das suas possibilidades», deve «desenvolvê-la e completá-la, progredindo na descoberta dos recursos e dos valores contidos em toda a Criação», «em esforço de melhorar as condições de vida de todos os homens». Este é o desígnio de Deus que a Sua Palavra nos revela.

Ele próprio marcou um ritmo de trabalho e de repouso. Também este tem o seu sentido sacral: «Não pode consistir apenas na pausa do exercício das forças humanas na acção exterior. Tem de deixar espaço interior no qual o homem, tornando-se cada vez mais naquilo que deve ser segundo a vontade de Deus, se prepara para aquele repouso que o Senhor reserva para os Seus servos e amigos».

Vede como trazemos deturpadas as nossas ideias a respeito do trabalho e do descanso. Como tantas vezes se profana o domingo (e as férias!) em actos desordenados e fatigantes, desperdiçando a oportunidade do repouso de cada «sétimo dia» para revitalização das forças físicas e enriquecimento do espírito — esses tempos que, em boa justiça, deveriam ser temperados sempre pelo louvor e acção de graças a Deus, porque «são grandes e admiráveis as Suas obras».

2.º) Cristo, o Filho de Deus, torna-Se «Filho do Homem»

numa família modesta de trabalhadores.

«Não é Ele o filho do carpinteiro?» — perguntavam-se os Seus contemporâneos admirados da autoridade da Sua palavra e do prodígio das Suas acções. Tanto mais admirados quanto, durante os trinta anos da Sua vida escondida em Nazaré, nada os fizera prever o mistério que a Sua vida pública começava a levantar.

Depois, dos três anos da vida pública, fala o Evangelho mais abundantemente. Trabalho e trabalhos enchem a Sua vida mortal. Também neles e por eles Cristo Se identificou com o homem durante o trânsito terreno. Ele, a Palavra por Quem o Pai fez tudo quanto foi feito, vem ao mundo completar a Obra de Deus — a recriação do Homem — integrado no mundo do trabalho, honrando e santificando o trabalho.

Mas a cúpula da Obra de Deus, segundo o plano da Sua infinita misericórdia para com o Homem exigiria de Cristo a morte e morte de cruz. Ele não Se furtou a ela.

Pois também o Homem, em tudo quanto o trabalho comporta de penoso, encontra nele uma parcela da Cruz de Cristo a que não pode furtar-se. Antes, por esta cruz, «acelerte com o mesmo espírito de redenção com que Cristo aceitou por nós a Sua Cruz», aprenda o cristão «o lugar que ocupa o seu trabalho, não somente no progresso terreno, mas também no desenvolvimento do Reino de Deus para o qual todos somos chamados».

Se Ele, Mestre e Senhor, assim fez — como devemos nós fazer para merecermos e usarmos honradamente o nome de discípulos?!

Padre Carlos

Do que nós necessitamos

Assinantes e Amigos de Tabosa com 8.880\$ entregues em mãos numa visita que nos fizeram. De Leiria, a amizade de sempre e cheque de 7.000\$. Da venda de papel velho, 670\$. Vale de 1.050\$, de Gaia, 1.000\$ da Figueira da Foz, 10.000\$ de Vilarinho — Santo Tirso, 500\$ por alma de António de Sousa, pais e sogros. Uma salva de prata do Porto, 1.000\$ de Ermesinde. Mais 1.000\$ da Amadora. Em cumprimento duma promessa, 4.500\$ de Carcavelos. Encomenda de gravatas da ATCA, 1.000\$ de algures. 500\$ de Famalicão. 3.000\$ de Margarida. Da professora e alunos das aulas de Religião e Moral da Escola Preparatória da Guarda, 1.520\$ e muito amor.

Da Rua Pereira Reis e comemorando as «Bodas de Ouro», casal amigo envia 20 contos. Do Porto, 1.500\$. Mais 2.000\$ da Figueira da Foz, 500\$ de David. E 500\$ da pequenita Maria José. Cheque de 1.000\$, do Porto. E mais um, agradecendo graça recebida por intermédio de Pai Américo: 50 contos. Um volume com 26 camisas da DUNIL, 1.000\$ do Campo Alegre. 5.000\$ e um abraço natalício, da Póvoa de Varzim. E 1.000\$ de sacerdote de Vale de Cambra. 2.500\$ de Portalegre. 2.000\$ e encomenda de Espinho. 200\$ de Oliveira do Douro. Cumprindo uma promessa, 3.500\$. De Lisboa, 500\$. Mais 1.000\$ do Porto. Pelo 2.º aniversário do falecimento do Prof. Corujo, 500\$. Vilar de Andorinho com 1.000\$. De Emília, 3.000\$. De Rodrigo José, de 10 anos, e com um xi coração, 300\$.

Cheque de 10 contos, «prensa de Natal que o meu marido me deu...». Do Porto e por uma

graça recebida, 5.000\$. Pessoal de Trájeço dos TLP, 490\$. Dos amigos do Bairro da Pastelaria, e pelas mãos da nossa «recoveira», 2.700\$. Cheque de 7.000\$, de Miranda do Douro. 200\$ de Fátima. De Padre amigo, de Valongo, vale de 3.000\$. De Maria de Fátima, 1.000\$. De Lourosa, 5.000\$. Da capital, 2.000\$. Dos amigos do Aviário de Santa Cita, 10.000\$. E 300\$ «para ajuda dos pinhões». 1.000\$ de Castro Daire. 500\$ de Ovar. Mais 1.500\$ da Rua Carlos da Maia. E 5.200\$ de leitores do Jornal «A Ordem». 1.000\$ de Montalegre. 3.000\$ de Espinho. 1.000\$ da Venda Nova. Dos Empregados de várias divisões da Sede do Banco Borges & Irmão, cheque de 25 contos e muito carinho por todos nós.

De um pequeno grupo de crianças da Catequese de Banguim, e com muito amor pelos gaiatos, lembrança de 600\$. Cheque de 10.000\$. Mais 6.500\$ de aumentos de ordenado e percentagens de 13.º mês, do Porto. Pelas mãos do Cônego Duarte, de Lamego, 5.000\$ duma senhora, 5.000\$ de Arcozelo. 5.200\$ de Coimbra. Anónimo da Póvoa de Varzim, 3.000\$. Do Porto, 500\$. A lembrança anual do Departamento de Pilotagem dos Portos do Douro e Leixões. Cheque de 2.500\$ de Augusto de Oliveira Pais & C.ª. 7.000\$ da Rua Gustavo Matos Sequeira. 5.000\$ de Minerolusa. E 2.500\$ de Celeste. Da SAIPOL, 6 latas de concentrado de tomate. De um grupo de funcionários do Bank of London & South America, do Porto, cheque de 5.000\$.

E até à próxima, se Deus quiser.

Manuel Pinto

Nestas eleições, ao fim da primeira volta, Tô-Zé obteve maioria relativa, 28 votos; Alexandre, 23; Mendão, 10; Barros, 9; e Teixeira, 8. Por isso, foi necessário novo escrutínio entre Tô-Zé e Alexandre. Aquele somou, então, 48 votos, o Alexandre 38 e 3 em branco.

Tô-Zé é o novo chefe, Alexandre sub-chefe. O Manuel Abílio, chefe cessante, exprimiu, depois, o desejo de que toda a Comunidade colabore, activamente, facilitando a missão do novo responsável. Em suma, essas foram também as palavras do nosso Padre Telmo, que esclareceu seriamente os eleitores para a responsabilidade do acto.

Não é possível publicarmos já uma gravura dos eleitos, mas fá-lo-emos na próxima edição.

Resta-nos desejar, também, que Tô-Zé e Alexandre cumpram o seu dever. Bom trabalho e felicidades.

DESPORTO — Como já dissemos na última edição, participámos num Torneio/Convívio, de fim de ano, organizado pelo Grupo Juvenil de Cete. Eis os resultados:

Na classificação geral, por equipas, o primeiro lugar pertenceu ao Grupo organizador. Nós ficámos em 2.º lugar *ex-aequo* com o Grupo Desportivo do Mozinho.

Na classificação individual obtivemos o 1.º lugar em Ténis de Mesa, 2.º em Xadrez; além do 4.º e dois 9.º lugares em Atletismo e Ténis de Mesa.

Não temos realizado jogos de futebol, ultimamente! Esperamos, ansiosamente, equipas amigas que desejem defrontar a nossa. Voltamos a salientar que, nestes jogos, o resultado não interessa; o importante é que venham conviver connosco — e gostem da visita.

«Réguas»

Cont. da 1.ª página

balho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem». Trabalho como instrumento de libertação e de solidariedade, gerador de brio, de iniciativa e de personalidade. Poder-se-ia dizer que Pai Américo anteviu, há mais de 40 anos, o que João Paulo II nos

CALVÁRIO

Cont. da 1.ª página

e mesmo aos necessitados, são fuga à Verdade que é Cristo Pobre todos os dias e doente todas as horas. O champanhe, a embriaguez que faz esquecer a Verdade e entrar no mundo da falsidade e da ilusão. Terá sido para, na sua data natalícia, nos deliciarmos com rabinadas ou pão-de-ló que Cristo nasceu? Terá sido para proporcionar mais comércio nas lojas e folguedo nas praças que Cristo veio à Terra e morreu pelos homens?

Cristo, naquele tempo, tem a Mãe jovem a seu lado. Hoje, vidas plenas de vida para se gastarem ao Seu serviço na pessoa dos mais carecidos não surgem. Tenho aqui camas preparadas, mas Ele continua no estábulo e na cruz!

Vejo passar Natais e Páscoas e fico sempre com o coração oprimido.

Padre Baptista

AGORA

As telhas que mandaste, vamos pô-las no aumento da casa da viúva com 3 filhos e uma filha, conforme teu desejo.

Demos a tua ajuda à sr.ª Rosa e mandámos uma janela para o quarto do marido doente.

O Presépio vivo ainda lá está; se souberes de uma casa, mesmo de renda, na zona do Porto, avisa-nos.

Seguiram também ajudas para 30 Auto-construtores em freguesias das Dioceses do Porto, Braga e Lamego.

Aqui tens.

Agora, a tua presença na mais bela Procissão... com os andores do Património dos Pobres e da Auto-construção! O Senhor vai mesmo a pé, no meio dos irmãos, como Ele gosta!

Eis: «Vivo numa pequena pensão e, como fui aumentada, envio uma pequenina telha» — ass. 23173. A pequena pensão tornou grande a sua oferta. De Porto de Mós, 3.000\$ para melhorar a habitação duma família. «Uma pequenina ajuda dada de todo o coração», da Figueira da Foz. Esta carta: «Ao ler o vosso jornal não pude ficar somente pela palavra «coitadinhos»!!! Aqui vos envio um cheque no valor de 50 mil escudos e que frutifique

Aqui, Lisboa!

veio agora afirmar: «o trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho».

Sem trabalhar não se pode viver. E, como escreve o Papa, «o trabalho tem como característica, antes de mais, unir os homens entre si; e nisto consiste a sua força social: a força para construir uma comunidade».

Infelizmente, aquilo que se observa neste País não é muito edificante. O absentismo, a começar por aqueles que deveriam dar o exemplo; as baixas fraudulentas, tantas vezes apoiadas por alguns médicos, menos escrupulosos; as dispensas a pretexto de tudo e de nada; as ausências dos locais de trabalho, mesmo dos edifícios onde se devem exercer as funções respectivas; as entradas tardias e as saídas antes do tempo; as conversas prolongadas de temas extra-laborais; as «pontes» já aqui referidas; as greves meramente políticas, que nada têm a ver com os interesses legítimos dos trabalhadores; o trabalho a meio-gás, à defesa, para guardar energias para os biscatos ou coisas quejandas; enfim, um rol de atitudes ou de expedientes que nos mostram claramente que não se trabalha nesta terra onde parece correr o leite e o mel...

O Mundo mais fraterno e harmonioso de que falávamos não pode ter, assim, lugar, enquanto a mentalidade e o agir forem os apontados. E a preocupação, de que não nos queremos demitir, de apontar aos nossos as vias adequadas à sua promoção humana responsável, também não nos oferece horizontes risonhos de concretização. Quando a maioria pretende benesses irrealistas, sem ter em conta as limitações impostas pela situação económica do todo; quando a visão é a de ter cada vez mais e sempre mais, mesmo que nada se faça ou produza, tudo caminhará progressivamente para o caos. Daí a ansiedade em que vivemos e as preocupações que nos invadem, em relação ao País e à Família de que somos responsáveis.

A finalizar um pequeno considerando. Foi trabalhando, por vezes arduamente, a que não faltou suor português, que os países ocidentais destruídos pela guerra se conseguiram ressarcir da hecatombe havida. Em Portugal, nesta hora de grave crise económica e social, centenas de milhares de pessoas, contando domingos e feriados, «pontes» e outras dispensas trabalharam (?) 15 dias em Dezembro de 1981. Façam o favor de fazer contas.

● Para que possamos receber qualquer subsídio oficial (há dois anos eram 99 contos divididos em quatro trimestres, através da Misericórdia) é-nos solicitado, com frequência, prova de que temos as contribuições para a Previdência em dia. Estes os factos.

Veio agora a lume nos jornais que os Partidos políticos devem ou estiveram a dever contos e contos de réis, às vezes milhares, à Previdência. Como? Então, aos P. P., que recebem do erário público milhões e milhões de escudos, consoante a sua representatividade, não se lhes exigem documentação equivalente! Tratar-se-à da lei do funil?

Mais grave, porém, que as dívidas apontadas é o mau

exemplo ao País. Então, aqueles que sugerem, discutem, aprovam e fiscalizam as leis, são os primeiros a fazer tábua rasa do que está estabelecido?! Bem prega Frei Tomás... De resto, o mesmo tem sucedido com empresas intervencionadas ou nacionalizadas. A terminar, e uma vez que falamos de Previdência, as chamadas taxas moderadoras dos Serviços Médico-Sociais já não são aplicadas aos nossos Rapazes. Custou mas valeu a pena terçar armas por uma causa de evidente justiça. Só nos resta alimentar a esperança de que virá o dia em que as contribuições para a Previdência exigidas às Instituições de Solidariedade Social deixem de o ser, pois, tratadas como simples entidades patronais, elas que providenciam e providenciam em favor dos mais fracos e desprotegidos, sabe Deus, às vezes, como e com quantos sacrifícios!

Padre Luiz

Correspondência de Família

Vendas Novas, Dezembro de 1981

Irmãos Gaiatos:

As minhas recordações do Natal ficarão sempre ligadas à Obra da Rua. Por isso, todos os anos nesta altura dirijo-me a todos vós para que a nossa Fraternidade não seja esquecida.

Admiro João Paulo II porque para ele é sempre Natal. Ele quer a Paz e bate-se por ela no dia a dia e, por isso, ia morrendo — lutando a favor da Paz de um mundo cheio de ódios e invejas.

João Paulo II só deseja a Paz e a Fraternidade entre os homens.

Também o Menino, que em 25 de Dezembro nasceu numa manjedoura, morreu por pregar a Paz entre os homens.

Do Natal apenas conservamos a imagem dos nossos antepassados: a família, a lareira, o pai, e a longa noite de vigília em que fomos pé-ante-pé trocar presentes e reconciliarmos uns com os outros, sob o olhar descolorido das pobres figuras do presépio.

Se todos olhassem à sua volta veriam como estão errados ao celebrar o Natal e não teriam carteiras tão recheadas de más intenções e ódios.

Para nós, Gaiatos, espero bem que o Natal seja de concórdia, tanto na Fraternidade como na Paz.

Temos na nossa Obra da Rua motivos para pensarmos no Natal de maneira diferente: Pai Américo, o Calvário e as nossas Casas de África são motivos suficientes para que pensemos também nos outros.

Todos nós, ao entrarmos na Obra da Rua, tivemos o nosso Natal sobre a bênção de Pai Américo e dos nossos Padres. Se eles pensaram em todos nós e nos deram uma família duradoura, porque não pensamos nós nos Outros?

Ser filho da Obra da Rua, implica defender com dignidade o Natal de que todos nós necessitamos: Paz, Esperança, Amor e Fraternidade.

Natal feliz. Estou convosco, estou em família.

Do vosso irmão,
Manuel Fernandes



Padre Telmo

Tiragem média por edição no mês de Janeiro: 51.935 exemplares.